

A HISTÓRIA DE ZERAI DERES:

A TRAJETÓRIA INCOMUM DE UM GRANDE HERÓI AFRICANO



MAURÍCIO WALDMAN



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 9**

A HISTÓRIA DE ZERAI DERES: A TRAJETÓRIA INCOMUM DE UM GRANDE HERÓI AFRICANO ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Com exceção deste texto, não há rigorosamente nenhum registro sobre Zeraí Deres, herói popular etíope e eritreu, na língua portuguesa. Sua trajetória, que se confunde com a história da Etiópia contemporânea, não é, pois de conhecimento da opinião pública nacional.

Todavia convém primeiramente registrar: a Etiópia é uma nação africana com muitos milênios de história, com longa trajetória de glórias e feitos magníficos, fato que solenemente não coaduna com a imagem negativa continuamente alimentada pela mídia e por notas preconceituosas que desqualificam a participação do país na cultura humana universal.

Cumprе sublinhar que a Etiópia é um dos berços da civilização. O maciço da Abissínia - vasto planalto que forma autêntica fortaleza natural - foi o berço de reinos prósperos e afamados, relatados por egípcios, gregos, indianos, persas e romanos (Figura 1).

Assim sendo, por mais de 3.000 anos, este notável sítio da África Oriental abrigou consecutivamente o Reino Damot, de Aksum e da Abissínia Cristã. No Século XIX, formase nessa mesma região o Império da Etiópia.

A relevância da Etiópia justifica, aliás, inúmeras citações no Antigo Testamento. No Livro de *Bereshit* (denominação hebraica para o Livro de Gênesis), o país é citado como uma das terras que compunham o Jardim do Éden, que recepcionou os primeiros humanos, criados diretamente por Deus.

Mais adiante, o Livro de *Sepher M'lakhim* (nome hebraico para o Livro de Reis) discorre sobre a Rainha de Sabá, famosa soberana etíope que visitou o Rei Salomão (Figura 2). Por sinal, a Etiópia é um dos países mais citados nas sagradas escrituras: setenta e sete vezes para ser mais exato.

Retenha-se que a presença humana nesta parte do mundo não se restringe aos tempos históricos. Desde a mais remota antiguidade as terras altas da Etiópia, banhadas por numerosos lagos e pelas nascentes do rio Nilo, presenciaram decidida colonização agrícola e pastoril.



FIGURA 1 - Fotografia de satélite da África Oriental revelando através dos matizes em sombreado, o relevo da Etiópia, acatando as fronteiras referendadas em 1993. Em marrom escuro, as áreas planálticas, espaço no qual surge a cultura nacional etíope (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 21-06-2017)



FIGURA 2 - A visita da rainha de Sabá ao rei Salomão, iconografia recorrente em toda a arte etíope tradicional (Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 21-06-2017)

No parecer do eminente pesquisador russo Nikolai Vavilov, esta área é um dos sete centros mundiais de origem de animais domesticados e de plantas cultivadas, neste último caso, selecionadas a partir de ancestrais silvestres difusos nessa parte da África.

Daí que hoje nos deliciamos - quase sempre sem saber - com alimentos etíopes. Dentre outras dádivas, a Abissínia presenteou generosamente o mundo com o quiabo, o café, o agrião, o gergelim, mamona, *teff*, feijão-fradinho, sorgo, milhete, cevada, fava, tremoço e muitas variedades de trigo. Também da Etiópia chegou-nos o gato, a cerveja, regras de civilidade, de bom gosto e de etiqueta.

Para completar, a Etiópia foi o ambiente de vida do mais antigo hominídeo de que se tem notícia. Com mais de três milhões de anos, o esqueleto de Lucy, considerada ancestral de toda a Humanidade, foi descoberto em 1974 ao Norte do Rio Awash, que drena as cercanias de Adis Abeba, metrópole que sedia o governo etíope.

Contudo, para além das maravilhas naturais e da majestade desse notável rincão africano, uma nota indispensável estaria endereçada ao espírito combatente e senso patriótico que caracteristicamente impregnou todos os segmentos da sociedade etíope.

Sabe-se que durante séculos a Abissínia foi cobiçada por potências estrangeiras. Contudo, aos invasores foram reservadas as mais duras provas. Exímios conhecedores do terreno e dispostos a qualquer sacrifício para expulsar agressores e intrusos, os etíopes, mesmo quando momentaneamente derrotados, jamais foram efetivamente subjugados.

Efetivamente, a Etiópia configura a mais bem-sucedida experiência de independência nacional catalogada nos anais da história mundial. E grosso modo, tais considerações se repetiram nos embates com o imperialismo europeu, que ambicionava as riquezas do país.

Este foi o caso do Reino da Itália, que a partir da unificação em 1870, atirou-se na conquista colonial. No final do Século XIX, através de acordos com as demais potências europeias, decidiu-se que a Etiópia integraria a esfera de influência italiana no continente africano.

Certo é que os etíopes não haviam sido consultados se desejavam a tutela estrangeira. Tampouco quanto a estarem propensos em abrir mão da sua independência. E como ficou demonstrado, o estado de espírito dos etíopes deixou absolutamente claro que esta hipótese estava fora de cogitação.

Neste sentido, o erro fatal da Itália foi subestimar a capacidade de luta dos africanos. Pretendendo tomar posse do que havia sido previamente decretado como sua propriedade, foi organizado um exército invasor para submeter os etíopes ao mando de Roma.

Porém, a Etiópia não se intimidou. Fazendo frente a poderoso esquema bélico italiano, o imperador Menelik II, apoiado por sua esposa, a imperatriz Taitu, convocou numeroso exército. Por todo o território do império rufaram dia e noite os tambores da guerra. Não se teve notícia de desertores, medrosos e capitulacionistas. Isto porque esta tipologia de adjetivos não figura no dicionário militar etíope.

E assim, no ano de 1896 o exército etíope, guiado por seus imperadores, defronta-se com as hostes italianas em Adowa, às portas do amado planalto etíope. Pois então, surpreendendo o mundo, após duros combates os etíopes impõem memorável derrota aos agressores estrangeiros (Figuras 3a e 3b).

Humilhados e fugindo apavorados diante do exército etíope, a retirada desordenada dos italianos se tornou objeto de assombro mundial. Esta vitória sem precedentes garantiu a independência do país. Foi o único país no continente africano a permanecer livre da dominação colonialista.

Entretanto, a derrota frente ao que aos olhos dos europeus eram apenas bárbaros e selvagens, alimentou incontidos sentimentos de ódio e desejo de revanche. Em 1936, o ditador Benito Mussolini (o “*Duce*”), sentiu-se no papel de vingar a afronta imposta pelos africanos.

Assoberbado pelo ódio e contando com a omissão das potências, Mussolini fabricou um pretexto e sem hesitação, declarou guerra à Etiópia. Embalado por sonhos de grandeza, o ditador discursou em Roma às multidões: “Eu lhes darei um novo Império Romano!”.

Procurando apagar o vexatório fracasso de Adowa, a Itália pôs em marcha um exército muito superior em soldados e em poder de fogo. Nada menos que 200 mil homens, 700 canhões e 150 tanques apoiados por dezenas de aviões de combate, bombardeios e logística moderna. Por via das dúvidas, armas químicas foram usadas sem maiores rodeios. Sem exceções e sem piedade.

A Etiópia, além de carente de aviação, de artilharia e de armamento moderno, é uma nação sem litoral. Isolada geográfica e diplomaticamente, não tinha condição de obter auxílio externo. Este por sinal sequer foi oferecido. Somente voluntários, ativistas africanos e a diáspora negra correram em auxílio ao país.



FIGURAS 3a / 3b - Imagens do exército etíope em Adua abrindo fogo contra os italianos, acatando cânones da arte tradicional abexim, destacando a realza etíope à frente da tropa, respectivamente o imperador Menelik II e a imperatriz Taitu (Fonte: < <https://www.nazret.com/2017/03/01/ethiopia-commemorates-the-121th-anniversary-of-the-battle-of-adwa/> >. Acesso: 21-06-2017)

Mas destemidamente os etíopes se postaram na defesa da pátria. Utilizando todas as opções à mão, obrigaram os invasores a disputar durante meses a conquista do terreno, palmo a palmo, centímetro por centímetro.

Todavia, a superioridade bélica dos invasores ocidentais e o uso criminoso de gás venenoso abriram caminho para a ocupação italiana. Senhores do país e visando humilhar seu povo, os ocupantes encetaram o saque dos tesouros nacionais etíopes, levados sem demora para a Itália para serem exibidos como troféus de guerra.

Um destes, era a escultura do Leão de Judá ou Leão Coroado (Figura 4), prestigiado símbolo nacional e emblema da monarquia etíope. Sumariamente arrancada de Adis Abeba, meses após estava reinstalada como insígnia da vitória dos conquistadores, agora erguida em pleno centro de Roma. Um claro sinal da pretensão italiana em tornar-se senhora perpétua da Etiópia.



FIGURA 4 - Monumento do Leão de Judá, erguido em 1930 em Adis Abeba em comemoração à vitória etíope na Batalha de Ádua (Fonte: < <https://creativecommons.org/licenses/by/2.5/> >. Acesso: 21-06-2017)

Não obstante, forjados na resistência a muitas invasões, a luta dos etíopes não cessou. Montando operações de guerrilha e ampla rede de sabotagem, a chama da resistência foi mantida acesa.

Durante todo o período de ocupação italiana, que ocorre entre 1936 e 1941, o povo etíope lutou sem tréguas contra a usurpação da independência nacional, atormentando incessantemente os ocupantes do país com ações de insurgência.

Neste contexto marcado pelo empenho em colocar ponto final na odiosa dominação estrangeira, Zeraí Deres foi exemplo a toda prova dessa determinação. Sua vida, que poderia inspirar refinada produção cinematográfica, é celebrada nas atuais Etiópia e Eritreia como marco nas lutas de libertação do colonialismo ocidental (Figura 5).



FIGURA 5 - Imagem nacionalista da Etiópia moderna, com Zeraí Deres na bandeira etíope ao centro. No pendão, o verde representa a fertilidade do país; o amarelo a paz e a coexistência entre os grupos étnicos e as diferentes religiões professadas na Etiópia; o vermelho, o sangue derramado em defesa do solo pátrio (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 21-06-2017)

Nascido no vilarejo de Hazega (hoje localizado na República da Eritreia, mas que outrora fizera parte de reinos etíopes), Zeraí foi convocado pela administração colonial italiana para participar dos festejos que em Roma, entronizavam o novo império de Mussolini.

A comemoração, programada para 21 de Maio de 1937, teve como uma das suas estrelas ninguém menos do que o ditador nazista Adolf Hitler, o *Führer*. Convidado para visitar Roma, o líder nazista prestigiaria a parada da vitória sobre a barbárie lado a lado com Benito Mussolini e Vitório Emanuel III, Rei da Itália.

A festividade pautava farto temário relativo às novas colônias africanas, incluindo Zeraí Deres, que na ocasião, contava com apenas 20 anos. O jovem fora instruído para marchar com outros membros do desfile carregando uma espada cerimonial com a qual deveria saudar o rei italiano, o *Führer* alemão e o *Duce* diante da tribuna de honra. Isto é: confirmar a capitulação da Etiópia.

Porém, nada saiu conforme programado.

Tão logo a escultura do Leão de Judá entrou no seu campo visual, um súbito sentimento de fúria tomou conta de Zeraí. Uma reação nada surpreendente. Afinal, a imagem simbolizava a soberania a qual todos os seus ancestrais haviam jurado lealdade eterna. Ver o Leão Coroado no coração de Roma foi intolerável. Zeraí se deu conta de que não poderia prestar qualquer homenagem aos agressores da África.

Então prontamente levantou a espada que deveria certificar a submissão. Com ela, diante dos convidados, o patriota matou cinco guardas fascistas feriu inúmeros outros soldados postados a sua volta, bem em frente ao monumento do Leão de Judá.

Detido apenas uma chuva de balas, seu ato ofuscou as comemorações de Mussolini, que assim, caiu em si que a luta continuava, demonstrando também que a dominação europeia não era fato consumado.

Zeraí acabou tombando na Itália, muito longe do solo ancestral da África. Mas seu ato não foi esquecido.

Após a II Guerra Mundial, com a Etiópia novamente livre e soberana, o imperador Haile Selassie insistiu na devolução do monumento. Esse apenas retornou ao país de origem em 1966, após exaustivas negociações com os relutantes italianos.

Contudo, a justiça venceu e o sagrado Leão de Judá retornou triunfante para a Etiópia. Reinstalado no sítio original, em discurso público Selassie saudou o feito de Zeraí Deres, sua coragem e seu patriotismo.

A despeito de ser um símbolo monárquico, o monumento não foi desmontado pelo regime militar que em 1974, implantou a república etíope. A memória de Zeraí falou mais alto do que qualquer outro tipo de vínculo que a imagem poderia suscitar.

Hoje, Adis Abeba é não só a capital de uma dinâmica nação soberana como também, sede da União Africana. A independência, que no início do século XX era exceção num continente gravado pelo colonialismo, atualmente é condição vivida por dezenas de países.

Celebra-se em 25 de Maio o Dia da África.

É uma data que recorda a luta dos povos africanos por sua dignidade e independência. E como todo processo representativo de tomada de consciência, certamente ela não aconteceu no vazio.

De fato, para sua irrupção concorreram as representações coletivas. Estas, refletindo anseios profundos, tornaram impossível a supressão da identidade dos seus povos e culturas.

Foi essa a força - que em linhas gerais associamos ao conceito de Africanidade - que fez Zeraí Deres emergir do anonimato e desafiar os opressores do seu povo.

Uma clara demonstração da importância de que se reveste em África a memória ancestral, matriz da resistência e da intenção em construir sua própria história, seus caminhos e suas vontades.

Zeraí Deres morreu ao defender o Leão Coroado. Mas justamente desta forma é que Zeraí continua vivo.

Memória de África, Memória de Zeraí Deres.

Memória eterna da África!

¹ **A História de Zeraí Deres: A Trajetória Incomum de um Grande Herói Africano** é um artigo digital motivacional primeiramente disponibilizado na home-page do **Instituto Portal Afro** em 1 de Junho de 2016. A presente edição deste texto foi masterizada em 2017 pela **Editora Kotev** para fins de acesso livre na Internet (Kotev ©). A edição de 2017 foi levemente ampliada e inclui novas imagens, incorporando também as regras atualmente vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF. A confecção do formato eletrônico contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco A. Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. **A História de Zeraí Deres: A Trajetória Incomum de um Grande Herói Africano** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da Editora Kotev (Kotev©). A citação do texto deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e apensos editoriais de acordo com o padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *A História de Zeraí Deres: A Trajetória Incomum de um Grande Herói Africano*. Série Africanidades Nº. 9. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporantes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado

internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

SAIBA MAIS SOBRE A HISTÓRIA DA ETIÓPIA

RAINHAS, ESPIÃS E SOLDADOS:

A História das Mulheres Etíopes nas Atividades Militares



TSEDAY ALEHEGN

Tradução de Maurício Waldman



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 13**

http://mw.pro.br/mw/africanidades_13.pdf

CONHEÇA A HÍSTÓRIA DA RAINHA GINGA, HEROÍNA DE ANGOLA

Rainha Ginga: Majestades da Memória Negra

MAURÍCIO WALDMAN



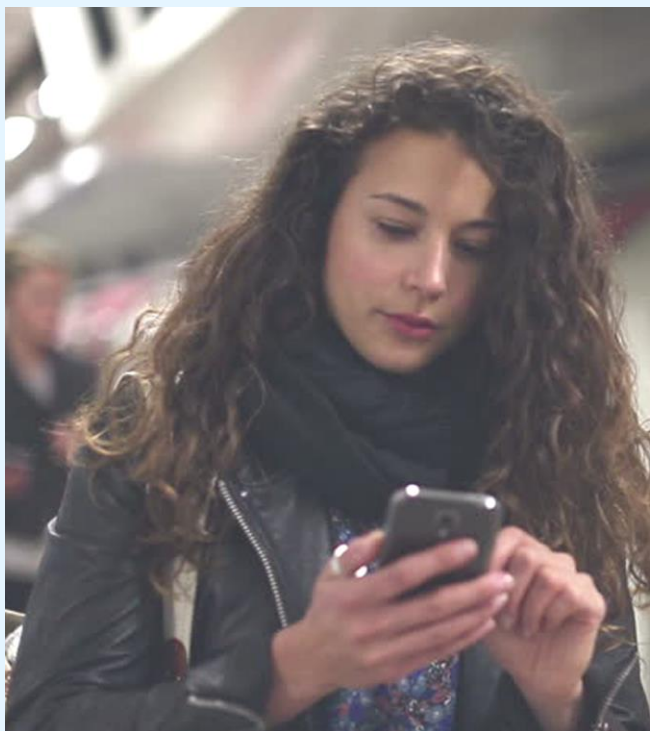
EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 2

http://mw.pro.br/mw/africanidades_02.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES – TÍTULOS E EBOOKS ON LINE



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV
Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br